

histórias

[JOÃO BRAGA]

Professor, estilista e autor. Leciona nos cursos de graduação e pós-graduação de diversas escolas de moda, em São Paulo, as disciplinas História da Arte, História da Moda, Cultura de Moda e Estética. É autor dos livros: *História da Moda – uma narrativa* e *Reflexões sobre moda*, volumes I, II, III e IV, publicados pela editora Anhembi Morumbi, e coordenador da *Coleção saberes da moda*, pela mesma editora.

As jarreteiras



Condecoração da Ordem da Jarreteira
ENCICLOPÉDIA luso-brasileira de cultura.
Vol. 11. Lisboa: Verbo, 1963. p. 422.

[23]

Esse acessório nada mais é (ou era) do que fitas ou bandas de tecidos estreitos e resistentes com características flexíveis destinadas a sustentar as meias esticadas nas pernas, presas abaixo ou acima dos joelhos. Vale lembrar que o jarrete é a parte posterior do joelho situada atrás da articulação, que tem as palavras "curvilhão" ou "curvejão" como sinônimas. Jarrete também é o nome do nervo ou tendão da perna dos animais quadrúpedes. Portanto, no universo do vestir, as jarreteiras ou ligas servem para manter as meias, usadas próximas aos joelhos, presas às pernas para que não caiam e embolem nas canelas.

Este objeto de indumentária e/ou moda, tanto masculino quanto feminino, era uma peça vestimentária secreta, pois ficava escondida embaixo das roupas visíveis; sendo assim verdadeiros ornatos de toalete.

Em francês, jarreteira é *jarretière*. Nos séculos XII e XIII, porém, eram chamados de *jarreteles* ou *jarteles* os cordões ou os ganchos arregaçadores dos calções, que os prendiam à cintura, dando origem às jarreteiras, que eram as ligas com a função de prender então as meias às pernas.

Há registros das próprias jarreteiras desde o longo período da Idade Média, que tinham exatamente a função que sempre se destinaram a ter: manter as meias esticadas e presas às pernas; podendo, inclusive, desde essa época, ser bordadas ou ornadas

de pedrarias. Com o passar do tempo, esse objeto tornou-se um verdadeiro elemento de sedução e, mesmo sendo uma peça comum aos dois gêneros, acabou ficando mais associado ao universo feminino do que ao masculino.

Já no século XVI, a jarreteira era cruzada em torno do joelho e podia formar uma roseta ao ser amarrada. Com o aparecimento das meias tricotadas à máquina, também nesse mesmo século, a jarreteira tornou-se de uso corrente e, na realidade, pouca coisa mudou em essência até o século XIX. Durante esse período do Renascimento, as mulheres fizeram dessas peças objetos guarnecidos de verdadeiras jóias.

Ao período de Luís XIII (nascido em 1601 e rei de 1610 a 1643, tendo sua mãe, Maria de Médicis, como regente), a jarreteira masculina tinha rosetas muito elaboradas e freqüentemente ornamentadas de franjas. Durante os reinados de Luís XIV (nascido em 1638 e rei de 1643 a 1715, tendo sua mãe, Ana de Áustria, como regente), Luís XV (nascido em 1710 e rei de 1715 a 1774, tendo Philippe d'Orleans como regente) e Luís XVI (nascido em 1754 e rei de 1774 a 1793) as meias de seda usadas por baixo dos culotes eram presas por jarreteiras em galões de ouro com fecho de diamante, hábito novo, pois outrora era comum às mulheres dos grandes clãs bordarem suas armas de família nas próprias jarreteiras. Durante o século XVIII, elas passaram a ter fivelas e ilhoses, para melhor ajuste às pernas.

Por todo o século XIX, as jarreteiras foram utilizadas. Todavia, o intenso uso dos espartilhos, especialmente na segunda metade daquele século, fez com que as *jarretières* voltassem a ser as *jarreteles*, pois as ligas eram presas ao espartilho de um lado e do outro possuíam um gancho para segurarem as meias femininas às pernas. Os homens, por sua vez, continuaram a usar as verdadeiras jarreteiras, pois, antes do emprego do elástico na composição das fibras das meias, eles usavam-nas atadas às panturrilhas para que os sapatos não mascassem as meias. No século XX, com o abandono do uso dos espartilhos desencadeado pela Grande Guerra de 1914, as jarreteiras femininas voltaram a servir de segurança para as meias.

Praticamente desconhecidas como jarreteiras, as ligas hoje ainda podem ser usadas. Com os avanços tecnológicos têxteis, porém, muitas vezes a parte superior das meias já vêm com um elástico mais intenso ou mesmo com algum outro material aderente à pele que prende melhor a meia à perna feminina.

Dessa peça de indumentária e/ou moda surgiu a maior ordem de condecoração da Inglaterra. Trata-se da "Nobilíssima Ordem da Jarreteira" a mais antiga e mais alta em dignidade das ordens da cavalaria inglesa.

Essa ordem foi fundada pelo rei Eduardo III, em 1348, de uma maneira muito curiosa, e a insígnia é a própria jarreteira. Durante uma festividade na corte de Sua Majestade, o Rei Eduardo III (nascido em 1312 e rei de 1327 a 1377, que empreendeu contra a França a Guerra dos Cem Anos) dançava com a condessa de Salzburgo, que deixou cair uma de suas jarreteiras, a da perna esquerda, que era de cor azul. O rei apressou-se, curvou-se, apanhou-a e devolveu-a à condessa, provocando sorrisos maliciosos de seus cortesãos. Imediatamente o rei pronunciou a frase em francês *honne soît qui mal y pense* (envergonhe-se quem disso pensar malícia) e complementou "os que hoje se riem ufanar-se-ão, amanhã, de a usar". Naquele momento, Eduardo III instituiu a "Ordem da Jarreteira" ao amarrar a liga da condessa na sua própria perna esquerda e ordenou que os zombeteiros para que pudessem usar semelhante fita teriam que ter muita honra.



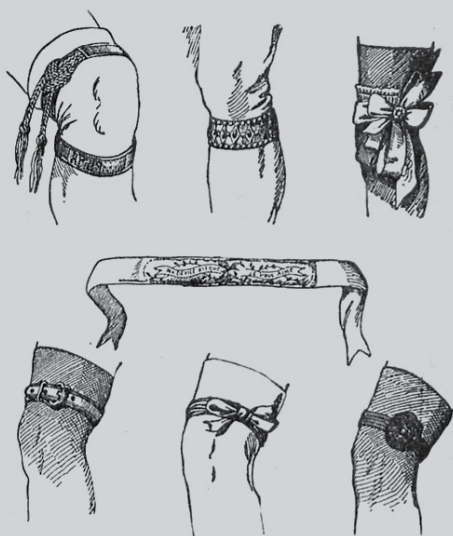
Cavaleiro da Ordem da Jarreteira
NOUVEAU Larousse illustré:
dictionnaire universel encyclopédique.
Vol. 5. Paris: Larousse, [1898-1904], p. 384.

Essa ordem passou a ter por divisa a própria fala do monarca *honne soit qui mal y pense* e era usada na perna esquerda. A Ordem tem por grande chefe o(a) soberano(a) acompanhado(a) do príncipe de Gales (inicialmente Eduardo, o Príncipe Negro), com 12 "companheiros" da alta nobreza britânica, totalizando 26 membros. As damas também têm acesso a essa dignidade e se porventura o monarca for uma rainha ela a coloca no braço esquerdo, sendo também a chefe da Ordem.

A jarreteira é de veludo azul-escuro com bordados em fios de ouro e a divisa também é bordada em ouro. Ela é usada pelos homens abaixo do joelho esquerdo presa por um gancho, contendo pendentos de ouro ricamente cinzelados.

Durante o período do Renascimento, o rei Henrique VIII reformulou o estatuto em documento de 23 de abril de 1522 (dia de São Jorge), pois a Ordem já tinha o santo como seu protetor.

As cadeiras da Ordem estão localizadas na Capela de Windsor e cada cavaleiro pertencente à Ordem usa uma roupa especial: capa de veludo azul forrada de branco, com uma cruz bordada sobre o lado esquerdo, capuz de veludo carmesim, chapéu redondo de



veludo verde com uma *aigrette* (penacho) de plumas de avestruz e de garça-real presa por um broche de diamantes. Em outros momentos, podem também usar sobre o lado esquerdo do peito uma condecoração de prata, no formato de uma estrela de 8 pontas representando a Cruz de São Jorge rodeada pela jarreteira; e também um colar de ouro composto de 26 peças em forma de jarreteira esmaltadas em azul sobre a qual é presa a imagem de São Jorge abatendo o dragão.

Jarreteiras de diversas épocas
NOUVEAU Larousse illustré:
dictionnaire universel encyclopédique.
Vol. 5. Paris: Larousse, [1898-1904], p. 384.